

## “RIBEIRÃO DAS TREVAS”? O skate dando um *ollie* nos algoritmos dominantes sobre a cidade de Ribeirão das Neves - MG

“RIBEIRÃO DAS TREVAS”? The skateboard giving an *ollie* in the dominant algorithms over the city of Ribeirão das Neves - MG

“RIBEIRÃO DAS TREVAS”? El skate dando un *ollie* en los algoritmos dominantes sobre la ciudad de Ribeirão das Neves - MG

### Janaína Damaceno Gomes

Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFSCar). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). [djanaina74@gmail.com](mailto:djanaina74@gmail.com).

 0000-0002-0929-2471

### Rafaela Goltara Souza

Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/ UERJ). Professora tutora no curso de Pós-graduação em Produção Cultural, Arte e Entretenimento da Faculdade Unyleya. [rafaelagoltara@gmail.com](mailto:rafaelagoltara@gmail.com).

 0000-0002-3019-1819

Correspondência: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Rua General Manoel Rabelo, Vila São Luís, 25065050 - Duque de Caxias, RJ – Brasil.

Recebido em: 03.04.2020.

Aceito em: 27.05.2020.

Publicado em: 01.07.2020.

### RESUMO:

Ribeirão das Neves é uma cidade mineira com cerca de 334 mil habitantes e 60% da população autodeclarada negra. Além do estigma “cidade das penitenciárias”, também ficou conhecida pelo trocadilho “Ribeirão das Trevas” publicado no Diário Oficial do Estado em 7 de setembro de 2013 e no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais em 21 de agosto de 2018, e por milhares de publicações de violência e pobreza relacionadas pelos algoritmos de busca na internet. No entanto, a cidade destinada pelo poder público a ser sempre a mesma, abriga outras narrativas criadas por um coletivo de skatistas negros educadores: a Just Crew Skateboard. Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado e apresenta os resultados da investigação, revelando à luz das leituras de Nilma Lino Gomes, como este grupo contesta o estigma da cidade mostrando novas possibilidades de engajamento e uma narrativa que valoriza a vida e as sociabilidades.

**PALAVRAS-CHAVES:** skatistas; Ribeirão das Neves; cidade; movimento educador; algoritmos da opressão.

### Introdução

Ribeirão das Neves é uma cidade mineira com aproximadamente 334 mil habitantes e 60% da população autodeclarada negra. Concebida para ser a cidade-dormitório dos mais pobres que migraram em busca de trabalho quando Belo Horizonte se tornou a capital do estado de Minas Gerais, Neves, como é mais conhecida, também se tornou a cidade das penitenciárias. Em um total de seis redes, inclui a primeira com gestão público-privada no Brasil e a primeira penitenciária modelo do país, inaugurada por Getúlio Vargas quando ainda era presidente. Constantemente alvo de notícias sobre violência e

pobreza, a cidade também ficou conhecida pelo trocadilho “Ribeirão das Trevas” publicado no Diário Oficial do Estado em 7 de setembro de 2013 e no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais em 21 de agosto de 2018. Essa descrição pejorativa se tornou uma narrativa oficial sobre o município e se impõe como uma barreira para os moradores da cidade, que sofrem com a estigmatização e a exclusão social que isso acarreta.

Essa estigmatização da cidade e de seus moradores migrou também para o ambiente digital. A narrativa oficial dos algoritmos de busca na Internet continua apresentando a mesma história única sobre a cidade: a história das trevas do Ribeirão. É possível constatar essa realidade apenas utilizando o mecanismo de busca do Google digitando como palavra-chave o nome da cidade. São mais 16 milhões de resultados para a pesquisa, mas logo na primeira página de resultados somos apresentados a uma série de links de notícias sobre violência e precariedade. Essa indexação de resultados automatizada por algoritmos que, em teoria, apresentam informações neutras baseadas nos sites mais acessados e palavras mais digitadas por seus usuários, apenas reforça o estigma negativo sobre Ribeirão das Neves e revela mais uma forma de opressão social (NOBLE, 2018).

Porém, essa cidade planejada para ser sempre a mesma abriga outras narrativas criadas, por exemplo, por um coletivo de skatistas negros: a Just Crew Skateboard. Esse coletivo de skatistas ocupou a praça e a transformou em pista; há 20 anos forma jovens nessa prática esportiva, ensinando-os a construir seus próprios skates e obstáculos e reconstruir suas identidades por meio da experiência da amizade, dando um *ollie* nas narrativas dominantes sobre si mesmos e sua cidade. Junto com outros coletivos jovens, ocuparam uma escola abandonada pelo governo na cidade e a transformaram em um centro de atividades de educação social e formação empresarial, além de aperfeiçoar o espaço como um centro de treinamento avançado para a crew. Mais recentemente, eles também reformaram uma antiga pista de skate inacabada em Neves. Eles se tornaram educadores uns dos outros, da população e da cidade, ensinando olhares de luz em vez de escuridão, e construindo outras possibilidades narrativas para Ribeirão das Neves, que não é apenas a única história oficial.

A Just Crew Skateboard também desafia a narrativa oficial de algoritmos na internet. Com suas redes sociais, eles apresentam outras histórias sobre a cidade, outras identidades possíveis para os nevenses, criam novas conexões e laços, e entram na disputa algorítmica propondo novos resultados para seu território.

Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “Ribeirão das Trevas: o skate dando um *ollie* nas narrativas dominantes sobre a cidade de Ribeirão

das Neves - MG”, desenvolvida com o apoio da CAPES no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O artigo apresenta os principais resultados percebidos durante a investigação que utilizou como metodologia a Etnografia da Imagem como Simpatia, revelando, à luz das leituras de Nilma Lino Gomes (2019), como este grupo desafia o estigma da cidade ao apresentar uma narrativa que valoriza a vida e as sociabilidades.

### **Conhecendo o território: As trevas do Ribeirão**

Ribeirão das Neves é uma cidade mineira com aproximadamente 334 mil habitantes e 60% da população autodeclarada negra. Concebida pelo poder público para ser a cidade-dormitório dos mais pobres que migraram em busca de trabalho quando Belo Horizonte se tornou a capital do estado de Minas Gerais, Neves, como é mais conhecida, também se tornou a cidade das penitenciárias. Em um total de seis cadeias, inclui a primeira com gestão público-privada no Brasil e a primeira penitenciária modelo do país, inaugurada por Getúlio Vargas quando ainda era presidente. Constantemente alvo de notícias sobre violência e pobreza, a cidade também ficou conhecida pelo trocadilho “Ribeirão das Trevas” publicado no Diário Oficial do Estado em 7 de setembro de 2013 e no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais em 21 de agosto de 2018. Essa descrição pejorativa se tornou uma narrativa oficial sobre o município e se impõe como uma barreira para os moradores da cidade, que sofrem com a estigmatização e a exclusão social que isso acarreta.

Figura 1 Notícias sobre o Ribeirão das Trevas

**O TEMPO CIDADES**

BETIM 29 AGOSTO 16H16 15°C 29°C

ASSINE O TEMPO

CAPA SUPERFC **CIDADES** DIVERSÃO INTERESSA MAIS

Triângulo Vale do Rio Doce Norte de Minas Zona da Mata Sul de Minas Tempo de Bike Trânsito Tempo RSS

Especiais: Garoto e Garota Super | 30 anos sem Drummond | Meu Quintal é o Anel | Casa Cor 2017 | Vivendo a morte | Tempo de Bike | Game: Empire

**ERROU FEIO**  
**Publicação do governo de Minas chama Neves de “Ribeirão das Trevas”**

O erro apareceu na página 22 do “Minas Gerais” do último sábado, Dia da Independência, em um espaço destinado para nomeações de servidores públicos

Salvar no Facebook Recomendar 445 Compartilhar Tweet G+

Nos termos dos incisos I e II, do art . 75, da lei nº 7109, c	
LOCALIDADE	COD
Belo Horizonte	2534
Belo Horizonte	1457
Belo Horizonte	1457
Belo Horizonte	2348
Belo Horizonte	701
Belo Horizonte	2526
Ribeirão das Trevas	219053
Ribeirão das Trevas	219053
Ribeirão das Trevas	218995

WhatsApp **O TEMPO**  
**(31)99827-4455**

**TRÂNSITO**

**29/08/2017 15:53**  
Trânsito carregado na Av. Luiz Paulo Franco, no Trevo do Belvedere, sentido Nova Lima. Mais cedo, houve uma batida entre dois carros no trecho.

**29/08/2017 15:32**  
Tráfego segue movimentado na Via Expressa de Contagem, entre o Parque São João e o Cincão, sentido BH. Há obras no trecho.

**29/08/2017 15:12**  
Sobe para dois quilômetros a retenção na Fênix Dias, km 477, altura da Praça da Cemig, sentido BH. Obras, na faixa da esquerda, prejudicam o tráfego.

Mais informações sobre o trânsito

**COLUNISTAS**  
Vittorio Mediolli  
O atraso é nosso

Fonte: Portal de Notícias do Jornal O Tempo, 2013.

Esta publicação teve um impacto muito negativo na população e suscitou uma grande discussão sobre a identidade do cidadão nevensense. Isso porque Ribeirão das Neves é historicamente conhecida como “cidade-dormitório”, já que a maioria dos moradores só vai para casa para dormir, pois a maior oferta de trabalho está no município vizinho (Belo Horizonte), que fica a cerca de 30 km de distância.

Figura 2 Mapas de Ribeirão das Neves



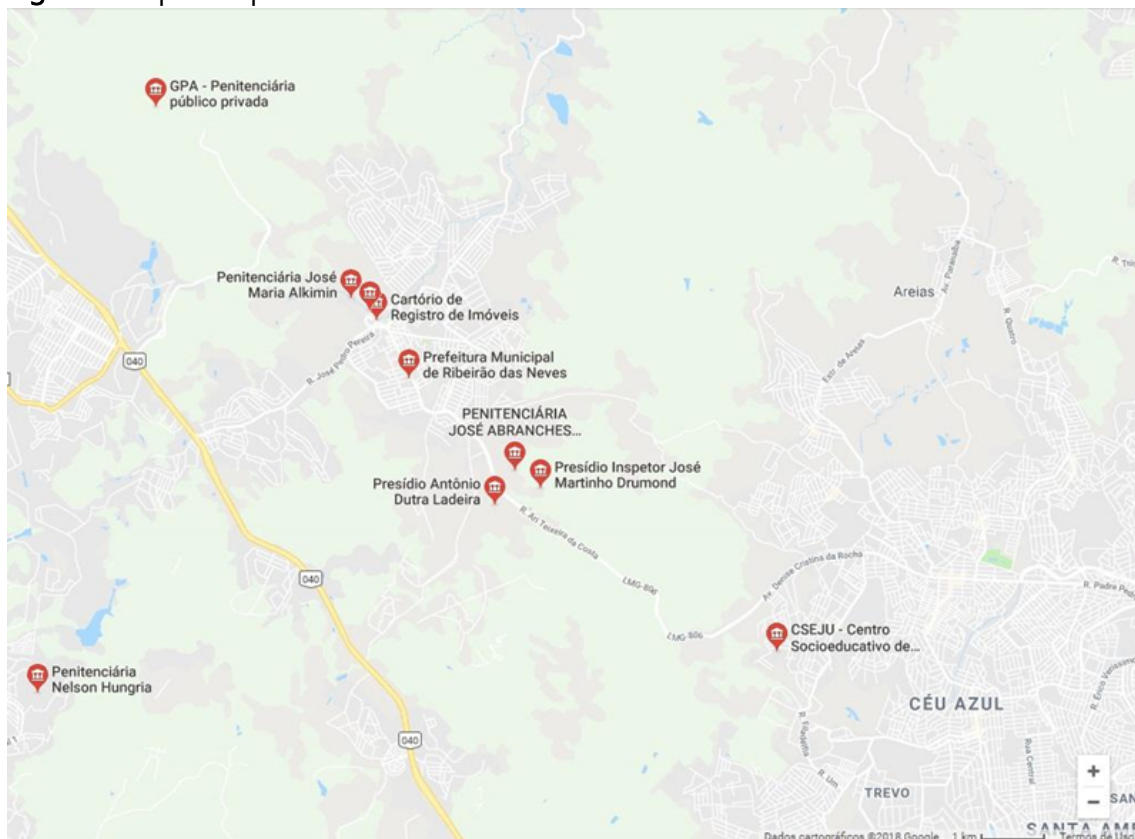
Fonte: Google Maps, 2018.

O conflito de identidade também é um conflito de pertencimento. Eu me perguntava, às vezes, se poderia me apresentar como uma nevensense, já que na minha certidão de nascimento consta que sou belorizontina. No entanto, basta parar alguns minutos e analisar o que está por trás desse registro oficial de nascimento para entender que eu sou apenas uma das milhares de pessoas que foram obrigadas a nascer em Belo Horizonte por falta de opções. Segundo dados do Censo IBGE 2010, mais da metade da população (186.373 habitantes) não é natural da cidade, ou seja, nasceu em outros municípios.

Não se nasce em Ribeirão das Neves porque a única maternidade existente é o único hospital da cidade, o Hospital Municipal São Judas Tadeu, que não consegue atender às demandas de saúde de seus 334 mil habitantes. Nasci na capital e no dia seguinte estava de volta a Neves, onde cresci e passei a vida inteira até agora. Mesmo assim, sou oficialmente uma belorizontina. Pode parecer um pequeno detalhe à primeira vista, mas em uma cidade com tantos desafios e um vínculo frágil com seus moradores, uma certidão de nascimento oficial faz uma grande diferença.

O mapa a seguir chama a atenção para a quantidade de presídios e, principalmente, sua localização, visto que não foram construídos em locais distantes do centro urbano. Pelo contrário, estão próximos uns dos outros e da região central. O Centro Socioeducativo para menores fica no bairro Felixlândia, onde cresci, ao lado de um Centro de Treinamento que oferece cursos para adolescentes e adultos e em frente à escola estadual Alessandra Salum Cadar. Os outros três presídios e o posto da Polícia Militar ficam às margens da LMG-806, próximo ao Hospital São Judas Tadeu e à Prefeitura, principal via de acesso ao centro da cidade. O mesmo percurso segue até a Praça Central e termina no Presídio José Maria Alkimin, também conhecido como antiga PAN – Penitenciária Agrícola de Neves, localizado no coração da cidade. A exceção fica por conta da localização do presídio mais recente construído, a Penitenciária do GPA – Gestores Prisionais Associados, fruto de uma parceria público-privada construída em terreno mais distante dos principais bairros do município.

**Figura 3** Mapa das penitenciárias de Ribeirão das Neves



Fonte: Google Maps, 2018.

A escolha pelo território nevensense como destino das penitenciárias não foi obra do acaso, mas resultado de uma política de construção e urbanização da capital mineira.

Segundo Silva e Stephan (2015) o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek gerou um movimento de migrações internas em todo o país a partir dos anos 50, o que culminou com o aumento da população nas regiões metropolitanas, próximas às capitais. Eles explicam que o chefe da Comissão de Construção de Belo Horizonte, Aarão Reis, desenhou o traçado urbano da nova BH no período entre 1894 e 1897:

Esse modelo criou um caráter elitista e segregatório a capital (...) A região central com uma avenida em torno do perímetro seria destinada a abrigar o aparelho estatal e as residências dos funcionários públicos e antigos moradores de Ouro Preto. A zona suburbana, além dos limites da Avenida do Contorno, seria reservada para a futura expansão da cidade, caracterizada por padrões urbanísticos mais flexíveis e por precária provisão de infraestrutura e equipamentos urbanos, e para a localização de sítios e chácaras. A zona rural, por sua vez, estaria além da faixa suburbana e consistiria no cinturão verde, sendo formada por colônias agrícolas com a função de abastecer a cidade de produtos agrícolas e hortigranjeiros (SILVA e STEPHAN, 2015, p. 131).

Os autores esclarecem que a avenida do Contorno realmente foi pensada para fazer um contorno, cercando a área central que deveria ser urbana e mais valorizada, e construíram a avenida Afonso Pena para ser uma via de acesso para as pessoas de baixa renda que deveriam chegar ao centro para trabalhar. Para eles, o plano do Governo do Estado de adensar Belo Horizonte no sentido centro-periferia foi consolidado com medidas práticas: as regiões que tinham mais acesso a recursos urbanos têm os terrenos comercializados a preços mais altos, e por isso, os recursos urbanos foram concentrados na região centro-sul da capital. Os agentes de imobiliárias apenas constataram que os municípios do vetor Norte da Região Metropolitana de BH (RMBH) seriam ideais para a criação de loteamentos destinados às famílias de baixa renda.

De acordo com Silva e Stephan (2015), o fluxo mais intenso de migração para Ribeirão das Neves aconteceu entre as décadas de 1970 e 1980, quando o Estado removeu as casas mais populares e terrenos de atividades informais que “não eram compatíveis com o que era observável nas áreas centrais da RMBH”. Os dados apresentados pelos pesquisadores revelam que em 1970 a população nevensense era composta por 5.547 habitantes; em 1980 esse número passou pra 61.670; em 1991 já eram 119.925 habitantes; 245.401 em 2000 e 294.153 em 2010. 2019 já estima-se uma população de 334 mil habitantes.

O crescimento da população e a ocupação da cidade de maneira desregulamentada e sem planejamento urbano gerou um grande aumento nas demandas por infraestrutura básica, saúde, educação, segurança, transporte público, etc. Demandas que a Prefeitura

não consegue atender, o que promove uma série de ausências e desafios que são enfrentadas pela população diariamente.

Ou seja, a tipificação de “cidade-dormitório” também foi imposta ao município pelo Estado numa ação pensada e articulada para valorizar as áreas centrais da capital, que seriam mais urbanizadas e por isso com terrenos mais valorizados, como uma forma de selecionar quem moraria nessas áreas e quem deveria chegar apenas para trabalhar e servir aos escolhidos. Uma decisão que ainda carrega fortes traços do período colonialista brasileiro, em que senhores não poderiam se misturar com escravos na relação casa grande x senzala.

E não é por acaso que os dados dos documentos oficiais revelam que a maioria das casas que foram demolidas no processo de urbanização de Belo Horizonte pertenciam a pessoas pobres e negras. Não é por acaso que a população de Neves seja composta por maioria negra, com um enorme déficit de investimento público em serviços básicos de saneamento, saúde, segurança e educação. Também não é por acaso que o território nevenense tenha virado destino de presídios.

Após a instalação da PAN, em 1938, Neves recebeu mais três unidades prisionais, medidas que firmaram a intenção do Governo do Estado em transformar o município em um “espaço-carcerário”. A falta de investimento público em serviços básicos e de infraestrutura contribuiu para que Neves recebesse um estigma de “cidade presídio”, o que era agravado pelos altos índices de violência e pobreza (SILVA e STEPHAN, 2015, p. 138).

Diante disso, é possível começar a entender que a publicação do Diário Oficial do Estado de Minas Gerais se referindo à cidade como “Ribeirão das trevas” foi tão somente a oficialização de um discurso que vem sendo consolidado ao longo dos anos. Impressiona o fato de que os próprios equipamentos públicos que deveriam cuidar da memória cultural e histórica da cidade apresentam mais um grito silencioso de ausência. As poucas informações disponíveis, nesse sentido, reforçam o estigma negativo.

Quando falo em estigma, utilizo a conceituação feita por Erving Goffman (1963) que investigou o sistema de manipulação das identidades. O autor explica que existem categorias criadas pela sociedade que classificam as pessoas e seus atributos como comuns e naturais ou como estranhos ao que é considerado normal. Os aspectos dos indivíduos que podem ser percebidos dentro dessas categorias são o que formam sua “identidade social”.

Os estigmas são rotulações discursivas, frutos da narrativa dominante que privilegia como normal os brancos, héteros e ricos, pois é essa população que historicamente tem



sido considerada como natural e comum. Mas apenas porque esse grupo é que detinha poder econômico e político suficiente para dominar os sistemas educacionais e comunicacionais que disseminam o pensamento excludente dos que são considerados fora do padrão, “os outros”. Cidade-presídio, cidade-dormitório, cidade do lixão, cidade das trevas. Os estigmas da cidade são transferidos para seus moradores, que passam a vida lidando com as consequências de serem das trevas.

### **Ribeirão das Neves e os algoritmos da opressão**

Como vimos, Ribeirão das Neves foi construída para ser o dormitório das pessoas que deveriam passar a jornada de trabalho a serviço das classes média e alta localizadas na capital mineira. Essas informações ajudam a esclarecer por que o Arquivo Público contém tão poucas informações e registros da memória e da cultura do povo nevensense, já que foi o Estado que se propôs a contar a história e a determinar os papéis a serem desempenhados por quem os enviou para lá. Ao contrário da escassa fonte de memórias oficiais sobre Ribeirão das Neves, existe uma infinidade de informações quando analisadas sob a ótica da notícia. A imprensa mantém uma cobertura quase linear do território nevensense, e os temas mais importantes são mais do mesmo: pobreza, violência, prisões.

Essa narrativa jornalística acompanhou os avanços tecnológicos e também migrou para os meios virtuais. Por curiosidade, decidi pesquisar na internet por meio do sistema de palavras-chave digitadas no site de busca do Google. Digitei “Ribeirão das Neves” no buscador e encontrei o seguinte:

Figura 4 Imprimir pesquisa do Google



Fonte: Site de pesquisas Google, 2019.

Todas as palavras que aparecem são relacionadas a questões territoriais, como estado de Minas Gerais, CEP, mapa, DDD, etc. Porém, a única palavra que aparece fora desse contexto geográfico e em segundo lugar no ranking da pesquisa é "presídio". Concluí minha pesquisa digitando apenas o termo "notícias" seguido do nome da cidade, e o resultado foi:




Figura 5 Pesquisa no Google - "Ribeirão das Neves Notícias"

Aproximadamente 468.000 resultados (0,50 segundos)

**Ribeirão das Neves | Cidade | G1 - G1 - O portal de notícias da Globo**  
<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/cidade/ribeirao-das-neves/> ▼  
Vítimas foram encontradas em Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana de Belo Horizonte nesta terça-feira (8). Valor levado pelos ladrões não foi ...

**Notícias - Ribeirão das Neves Net**  
<https://ribeiraodasneves.net/noticias> ▼  
Terá início na próxima segunda-feira (11), o programa "Transforma Minas", do Governo de Minas Gerais, para preenchimento de vagas de chefia, direção e ...

**Vídeos**

 <p>3:25</p> <p>Mulheres denunciaram agressão policial</p>	 <p>1:43</p> <p>PM apreende armamento de guerra</p>	 <p>2:49</p> <p>Homem oferece bala e esfaqueia jovem</p>
<p><b>Ação de policiais gera revolta em Ribeirão das Neves (MG)</b></p> <p>R7 - 10 de out de 2018</p>	<p><b>Polícia Militar apreende armamento de guerra em Ribeirão das Neves (MG)</b></p> <p>R7 - 17 de dez de 2018</p>	<p><b>Suspeito de esfaquear adolescente em Ribeirão das Neves (MG) é preso</b></p> <p>R7.com - 7 de jan de 2019</p>

**Polícia - Ribeirão das Neves Net**  
<https://ribeiraodasneves.net/52-noticias/policia> ▼  
Polícia Militar desmonta fábrica clandestina de armas e munições em Ribeirão das Neves. O. A Polícia Militar (PM) desmontou, nessa quinta-feira (28), uma ...

**Ribeirão das Neves - Prefeitura Municipal - Notícias**  
[www.ribeiraodasneves.mg.gov.br/materias/tipo/noticias/110](http://www.ribeiraodasneves.mg.gov.br/materias/tipo/noticias/110) ▼  
Ribeirão das Neves - Prefeitura Municipal, PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO DAS NEVESRua Ary Teixeira da Costa, 1100 - Bairro Savassi (31) ...

Fonte: Google, 2019.

Se todas as primeiras notícias não estivessem ligadas a crimes, polícia e violência, a seguir encontramos uma sugestão de temas para pesquisa que o próprio site oferece, relacionando-os com a palavra-chave digitada no momento da pesquisa:

Figura 6 Sugestão de Pesquisa Google

### Vídeo flagra homicídio em posto de combustível de Ribeirão das Neves

<https://www.em.com.br/.../noticia/.../video-flagra-homicidio-em-posto-de-combustivel...>

20 de dez de 2018 - Dois homens foram mortos, na manhã desta quinta-feira, em um posto de combustível de Ribeirão das Neves, Região Metropolitana de Belo ...

### Imagens de ribeirão das neves noticias



→ Mais imagens para ribeirão das neves noticias

Denunciar imagens

### Pesquisas relacionadas a ribeirão das neves noticias

ribeirão das neves noticias **policiais**

**crime em ribeirao** das neves

**duplo homicidio em ribeirao** das neves

**homem encontrado morto em ribeirao** das neves

**operação em ribeirão das neves hoje**

**ribeirao** das neves **bairros**

**tiroteio em ribeirao** das neves

ribeirão das neves neves



Fonte: Google, 2019.

Só essa busca básica e rápida na internet, que qualquer pessoa com acesso ao celular pode fazer, revela o assunto mais comentado nos jornais quando se trata de Ribeirão das Neves. Na mídia local e nacional, o tema está sempre ligado ao medo e à violência. Com todo esse cenário informacional montado mentalmente, fica mais fácil entender quem decidiu escrever “Ribeirão das Trevas” no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais.

O site de notícias G1.com, de abrangência nacional e internacional, por exemplo, não escapa do ranking dos temas mais pesquisados quando a palavra-chave é Ribeirão das Neves:

Figura 7 Ribeirão das Neves no Portal G1 Notícias

**Detentos fogem de presídio, em Ribeirão das Neves, na Grande BH**  
Segundo a Seap, dois presos cortaram uma tela de arame durante horário de trabalho em horta.  
HÁ 6 DIAS · EM MINAS GERAIS

**Em três dias, dois corpos são encontrados sem cabeça na Grande BH**  
Segunda vítima teve cabeça e órgãos genitais arrancados nesta sexta-feira, em Ribeirão das Neves.  
HÁ 4 SEMANAS · EM MINAS GERAIS

**Dezoito municípios mineiros vão ter voto em trânsito nas eleições de outubro**  
Cidades têm mais de 100 mil eleitores. Até 23 de agosto, eleitor que não vai estar no local de votação pode pedir a transferência de seção eleitoral.  
HÁ 1 MÊS · EM MINAS GERAIS

**Caminhão tomba na BR-040, na Grande BH**  
Acidente foi no sentido Belo Horizonte, na altura da

**TEMPO**  
RIBEIRÃO DAS NEVES  
24° MÁX 15° MÍN  
Sol com muitas nuvens. Pancadas de chuva à tarde e à noite.  
PREVISÃO COMPLETA →

**MAIS LIDAS**

- 1 Pai de menino do Paraná que emocionou internet com honestidade morre em acidente de trânsito
- 2 Chefe de facção suspeito de comandar tráfico de drogas no RN rompe tornezeira eletrônica uma hora após começar monitoramento
- 3 Oito presidentes discutem propostas de governo no segundo debate da campanha eleitoral de 2018
- 4 Morre Kofi Annan, ex-secretário

Fonte: Portal G1 da Globo.com, 2018.

Se antes a disputa por espaço na mídia se concentrava nos espaços das notícias, hoje a disputa das narrativas ganha um agravante de alcance incomensurável no ambiente virtual: a luta dos algoritmos. Segundo a reportagem de Sergio C. Fanjul<sup>1</sup> para o jornal El País (2018), o algoritmo é uma sequência de instruções realizadas para encontrar a solução de um problema. Os algoritmos rastreiam os dados e apresentam os resultados dos problemas. Por exemplo, o repórter explica que o algoritmo do Google, chamado PageRank, é um dos mais famosos do mundo porque rastreia a web e apresenta resultados de busca classificados em um ranking de importância. Ou seja, ele identifica os dados que aparecem mais relacionados a uma palavra-chave específica e apresenta os dados mais "importantes" primeiro. Em tese, importantes são os conteúdos mais completos, com desenvolvimento de tema e em que as palavras-chave inseridas aparecem com mais frequência.

O que torna a cidade de Ribeirão das Neves identificada com dados sobre violência, prisões, morte, medo, etc.? Dos 468 mil resultados encontrados em 0,50 segundos pelo algoritmo do Google, a palavra presídio aparece em segundo lugar. Quantas mil vezes Ribeirão das Neves foi associado a temas relacionados à palavra prisão para torná-la

relevante a ponto de ocupar o segundo lugar no ranking de palavras mais pesquisadas pelos usuários na web?

Corrêa e Bertocchi (2012) chamam de “algoritmos curadores” essas soluções matemáticas que organizam as informações em um Ranking de relevância, e que podem ou não utilizar inteligência artificial. No entanto, ressaltam que os algoritmos programados por inteligência artificial tendem a realizar essa curadoria de informações baseados nos padrões de comportamento e cliques dos usuários e, por isso, tendem a olhar pra trás, buscando apenas mais informações similares aos registros deixados durante a navegação sem apresentar nada de novo, sem nenhum critério de qualificação das informações e sem novidades que proponham novos olhares e reflexões.

Sofiya Noble (2018) realizou uma extensa pesquisa sobre o poder dos algoritmos na era do neoliberalismo e a forma como essas decisões digitais reforçam as relações de opressão social baseadas no racismo e sexismo. A pesquisadora chama a atenção para o fato de que, apesar das formulações matemáticas pressuporem que os algoritmos e base de dados são neutros e objetivos, eles podem sim continuar as narrativas de opressão social porque são formulados por seres humanos que têm crenças diversas. São eles quem definem os códigos utilizados para filtrar e organizar as informações que apareceram na primeira página de resultados, e se os resultados trazem primeiro informações racistas e sexistas há um sério problema no processo de programação. “A organização da informação é uma questão de processo sociopolítico e histórico que atende a interesses particulares” (NOBLE, 2018, p. 7).

De acordo a autora, esse processo de gestão do conhecimento apresenta reflexos dos preconceitos sociais já existentes em nossa sociedade, uma vez que no centro dessa curadoria estão os seres humanos. As práticas de classificação em sistemas pertencentes ao passado acabam sendo validadas também no presente, e vão continuar até que as empresas realmente se comprometam em investir na reparação dos arquivos de conhecimento que estão indexados na rede de computadores.

As disparidades raciais online não podem ser ignoradas porque fazem parte do contexto no qual as TICs proliferam, e a Internet está tanto reproduzindo relações sociais quanto criando novas formas de relações baseadas em nosso engajamento com ela. (...) Conforme os usuários se envolvem com tecnologias como mecanismos de pesquisa, eles co-constroem dinamicamente o conteúdo e a própria tecnologia. A informação online e o conteúdo disponível na busca também são estruturados de forma sistêmica pela infusão da receita publicitária e pela vigilância das buscas dos usuários, que os sujeitos de tais práticas têm muita pouca capacidade de remodelar ou reformular. (NOBLE, 2018, p. 11).

O que fica claro nesses estudos sobre algoritmos e organização das informações na internet, é que os mesmos mecanismos de controle e classificação social baseados em princípios excludentes, racistas e classistas se perpetuam no ambiente virtual. E entrar em disputa com essas narrativas dominantes é um trabalho de resistência que exige criatividade e investimento, assim como no ambiente off-line. No que diz respeito ao envolvimento sério das empresas como a Google, Noble (2018) acredita que o caminho para superar essa opressão algorítmica seja a criação de alternativas para os mecanismos de pesquisa, junto com ações do jornalismo voltadas para o interesse público a fim de oferecer informações de qualidade e mais diversas. “Em vez de priorizar as narrativas dominantes, as plataformas de busca na internet e as empresas de tecnologia poderiam permitir uma maior expressão e servir como uma ferramenta democratizadora para o público” (NOBLE, 2018, p.29).

Não é meu interesse como pesquisadora, nem parece ser o dos skatistas da Just Crew, dizer que essas notícias e informações que circulam sobre a cidade são mentiras. Na verdade, todos esses desafios mencionados acima e o que foi veiculado na mídia são reais. O problema desse enfoque nas ausências, violência e medo que essa narrativa “sombria” acarreta é o que a citada escritora nigeriana, Chimamanda Adichie (2009) chama de “uma história única”. Toda esta conversa sobre prisões e faltas, que se repetiu incansavelmente ao longo dos anos, criou uma história única sobre Ribeirão das Neves. Como se além da escuridão, não houvesse mais nada. Esse sentimento vivido por jovens skatistas é semelhante ao que Chimamanda contou em sua palestra sobre sua experiência com um colega de quarto, durante a faculdade nos Estados Unidos.

O que me impressionou foi que: ela sentir a pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Meu colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de configuração mais complexa do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais (ADICHIE, 2009, 00:04:52 – 00:05:20).

A escritora afirmou que passou a compreender a visão da colega de quarto sobre os povos do continente africano ao perceber que tinha ouvido, “toda a sua vida, diferentes versões de uma mesma história”. E são justamente as diferentes versões da mesma história do município nevensense que facilitam a brincadeira com o trocadilho “Ribeirão das

Trevas” e todos os estigmas e rótulos estampados em seus moradores, que se apresentam, antes mesmo de poderem responder “quem é você?”.

Teresa Caldeira (2011) apontou em sua pesquisa que a narrativa do medo é construída pela repetição de histórias que disseminam o senso comum sobre o crime, promovendo a discriminação e criando estereótipos sobre determinados grupos, além de deslegitimar as instituições criadas para manter a ordem (como a judiciário, PM, etc.) e legitimar a justiça privatizada, por meio de ações vingativas e ilegais de violência.

No caso de Ribeirão das Neves, o que ocorre é que seus moradores são constantemente associados a correntes, crimes e violência, como se fôssemos todos bandidos ou parentes de bandidos. Esse discurso, tantas vezes repetido, cria nos moradores o medo de serem identificados também como criminosos, pois o estigma fecha inúmeras portas e relacionamentos. O estigma faz com que pessoas de outras regiões consideradas “normais” se sintam à vontade para criticar, ridicularizar e humilhar os “diferentes” na cidade das trevas. Faz com que o discurso do medo se torne natural, o que por sua vez naturaliza discursos de ódio e repulsa àqueles considerados descendentes do mal, e naturaliza o pensamento de que é necessário erradicar o mal e libertar as pessoas do “bem” dos perigos e do crime.

Este discurso ganhou as eleições presidenciais no Brasil em 2018 e assumiu um lugar de poder e decisão política, um lugar onde fazer gestos de mão e arma é sinal de defesa do bem e da moral e autoriza a morte e invisibilidade daqueles que estão na categoria “diferente”. Por muitos anos é comum ouvir de alguns dos próprios nevenses frases como “Moro perto de Venda Nova”, “Morei em BH e estou aqui por pouco tempo se Deus quiser”, ou “Neves é a treva! “. Esse acordo, no fundo, esconde uma atitude desesperada para se livrar do estigma e se diferenciar dos criminosos nas prisões, uma busca pela sobrevivência. Não é por ser residente na cidade dos presídios que também sou criminoso ou também preso, mas o estigma faz-me associar a este universo simbólico do medo e do crime sempre que me apresento como um nevensense. E, como tal, coloca todos nós em risco.

As brincadeiras e comentários maliciosos estão caindo nas falas dos próprios nevensenses, que usam o repertório contra o próprio povo, contra o vizinho, para se diferenciarem e se manterem vivos. O problema é que essa ação não rompe o discurso da violência contra os nevensenses, ela apenas reforça e divide as forças, nos coloca uns contra os outros. Impede o desenvolvimento do sentimento de solidariedade e pertença, contribui para o rompimento dos vínculos afetivos com as pessoas e com o território.



Essa associação simbólica de nevenses com o mal, com o mau e o precário, é uma tática discursiva decorrente de mais preconceitos gerados por pessoas que se consideram superiores e que ocupam lugares de poder e decisão. É fruto de um pensamento milenar, várias vezes negado, carregado de concepções colonialistas e racistas de uma classe que precisava de argumentos para escravizar e controlar povos inteiros: a ideia de que o negro e o pobre são irracionais, não têm capacidade de decidir e de ser bons por si próprios.

Essa história única é contada desde a colonização do Brasil, desde a barbárie de europeus sequestrando africanos, matando, separando famílias e obrigando-os a trabalhos forçados. Essa história única, repetida milhões de vezes ao longo dos séculos, com vestimentas, contextos e gêneros literários diversos, é o que permite que a população negra e pobre continue sendo forçada a ocupar lugares periféricos, ter seus direitos negados e sua dignidade ferida.

Chimamanda (2009, 00:13:55 – 00:14:08) também explicou porque é um perigo que haja apenas uma história sobre um determinado lugar. “A consequência de uma única história é a seguinte: rouba a dignidade das pessoas. Isso torna difícil reconhecer nossa humanidade compartilhada. Enfatiza como somos diferentes ao invés de como somos semelhantes”. A história associada ao nome “Ribeirão das Trevas” não é a única história da cidade, mas sim a mais contada. Mas existem inúmeras outras histórias para descobrir, e é urgente que novas narrativas também ganhem espaço e visibilidade. Até porque para que esses problemas que dificultam a vida dos nevenses sejam resolvidos, é importante que a população se engaje no processo de mudança. E como você consegue a participação voluntária e engajada das pessoas sem que elas tenham um forte “senso de pertencimento”?

Como a maioria dos moradores não possui vínculo afetivo com o território, pois nasceram em outras cidades e se mudaram para lá por causa dos preços baixos dos lotes, o sentimento de pertencer a Neves precisa ser plantado e cultivado. Essas pessoas não construíram memórias com o lugar, não têm experiências que fazem parte da história de sua família. Eles já estão de alguma forma vivendo com uma certa distância emocional desse território. E, convenhamos, ninguém quer se identificar e sentir que pertence a um lugar de “escuridão”. Por isso, é tão urgente e relevante que outras histórias sejam contadas sobre esse território.

É isso que a Just Crew vem fazendo há 20 anos. Eles estão contando outra história. Entrando em disputa com a narrativa dominante sobre as trevas e contando outras histórias, com outros personagens e outras tramas. Estão oferecendo outras experiências e oportunidades para que os cidadãos, principalmente os mais jovens, se identifiquem,

façam parte. Eles estão tentando reconstruir não apenas suas próprias histórias de vida, mas também sua dignidade e, conseqüentemente, estão reconstruindo a dignidade de outros nevenses também. Essa é a história que conheceremos mais de perto a seguir.

### **Quem são os jovens skatistas e como eles se tornaram uma crew?**

Um estava sozinho em casa, desanimado por não ter o que fazer. Outro passou pela praça e viu caras mais velhos fazendo coisas “muito doidas, da hora mesmo” com o skate. E outro ainda, tentou uma volta no skate de um amigo e decidiu que queria aprender isso. Todos, em comum, falaram sobre a tristeza e desânimo de ficar em casa todo dia só assistindo televisão, sem ter o que fazer. De acordo com dados do último censo realizado em 2010 pelo IBGE, a população jovem com idade entre 15 e 29 anos<sup>5</sup> residente no município nevensense era estimada em mais de 84 mil habitantes. Desses, aproximadamente 56 mil estavam em situação economicamente ativa.

Somando-se a esses dados todo o contexto já relatado sobre o território nevensense, é possível compreender a angústia relatada pelos jovens pela falta de ocupação criativa nos horários em que não estavam na escola. Para a maioria deles, a televisão era a companheira das horas vagas, mas assistir à programação não preenchia o vazio. Por isso, eles estavam em busca de alguma novidade, algo que os tirasse da inércia e da solidão que era ter apenas uma televisão como companhia em casa.

Cada um desses solitários, em momentos distintos, se rendeu às ruas em busca de algo que devolvesse o brilho no olhar e a alegria. Acabaram descobrindo, na praça de Justinópolis, alguns jovens com seus skates e se aproximaram para observar. Os skatistas mais antigos da praça conheciam muito bem aquele olhar de curiosidade e a solidão por detrás do silêncio observador. E se deixaram conhecer, ao mesmo tempo em que se abriram para conhecer aqueles que passavam pela praça. Mesmo sem saber muito bem o que fazer, os que foram chegando encontraram nesse grupo aquilo que estavam buscando, permitindo que o skate vencesse o silêncio das tardes dando lugar para uma grande crew (palavra em inglês que quer dizer “galera”).

Figura 8 Just Crew Skateboard



Fonte: Rafaela Goltara, 2018.

O skate é uma modalidade esportiva que ganhou visibilidade e atraiu muitos jovens nos últimos anos, especialmente, por unir diversão e adrenalina. O antropólogo Giancarlo Marques Carraro Machado (2011) realizou uma pesquisa sobre a prática de skate nas ruas de São Paulo explorando a modalidade do Street Skate, que é também a modalidade praticada pela Just Crew Skateboard, e constatou que 42% dos praticantes situavam-se nas classes A e B, o que seria justificado pelos altos custos de compra e manutenção dos equipamentos. Porém, esse perfil vem sendo modificado ao longo dos anos, como indica a última pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em 2015, encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK). As estatísticas revelam que 48% dos praticantes se encontram agora na Classe C, ultrapassando os 44% de praticantes concentrados nas Classes A e B, e 27% nas classes D e E.

O skate em Ribeirão das Neves segue o perfil da pesquisa, a cidade se encontra na região metropolitana de Belo Horizonte e o grupo de skatistas é composto em sua maioria por homens, que iniciaram a prática esportiva entre 12 e 17 anos. Porém, chama a atenção que dos nove integrantes da Just Crew que participaram desta pesquisa, todos são negros e pertencentes às classes D e E. Sete estão na faixa etária de 15 a 29 anos e dois possuem mais de 35 anos. Ou seja, eles já começam, por aqui, a fugir do padrão do que se espera sobre os skatistas. Afinal, eles são pobres e negros.

Davidson Maurício Meireles, mais conhecido como Deivim, é um dos criadores da Just Crew Skateboard. Ele tem 38 anos e começou a andar de skate aos 13 anos. Desde então, percorre as ruas da cidade com seu carrinho. Segundo ele, a prática do skate na quebrada (próximo à Praça de Justinópolis) começou em 2000 com um passeio entre amigos em busca de descontração. A praça tornou-se ponto de encontro do grupo para a prática do skate, antes mesmo de se chamarem de “equipe”. 20 anos depois, o grupo resiste dinamicamente, “sempre tem alguém saindo e alguém entrando”. Davidson, Wesley e Israel são os pioneiros que continuam até hoje a manter a relação de grupo com quem chega e faz os “corres” para a construção de obstáculos e outras atividades grupais na cidade.

Wesley Queiroz da Silva, apresentado pelos demais como Wesley Snipes - em referência ao ator americano de mesmo nome - tem 26 anos e faz parte da equipe há mais de uma década. Wendel Israel, 19 anos; Gabriel, 18; Alexandre, 19 anos; Helias, 20 anos; Breno, 17. Os três já eram amigos antes de se interessarem pelo skate e acabaram reforçando os laços ao conhecer o esporte. Segundo Gabriel e apoiado por outros, a praça é como uma segunda casa e a Just Crew é como uma família. Gabriel e Alexandre até dividiram o mesmo skate quando começaram a treinar.

Com o apoio de um cabo de vassoura, os dois amigos treinaram em casa antes de se aventurarem no coreto da praça. Segundo Alexandre, a praça se tornou a segunda casa há pouco mais de um ano e três meses. Wendel diz que sua paixão pelo skate não só o livrou do tédio das tardes, mas também ampliou seu círculo de amizade e convivência. Helias mudou-se para Ribeirão das Neves há cerca de quatro anos, e também se rendeu ao skate por incentivo de um amigo. É o caso de Nathan, que também se mudou recentemente para a cidade e descobriu que uma alternativa à praça abandonada do bairro de Felixlândia era a praça dos skatistas em Justinópolis.

Eu cheguei aqui, eu comecei a andar por causa de um colega meu, Isaías. A gente foi lá no Mineirão, andou lá, eu gostei. Aí depois de um tempo eu consegui juntar um dinheiro, e comprei um. Aí eu fiquei sabendo que aqui na praça tinha gente que andava, aí eu vim cá. E até hoje, tamo indo. Deve ter uns quatro anos que eu moro em Ribeirão das Neves (ELIAS. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Por meio desses depoimentos é possível perceber que a ausência de ocupação profissional e a falta de opções de moradia e lazer são compartilhadas por todos como os principais motivos do tédio e da solidão que sentem. O skate chegou como uma novidade apresentada de amigo para amigo, oferecendo a emoção que tanto buscavam

para preencher os vazios. E foi a partir da identificação entre esses jovens que a amizade se fortaleceu, transformando o grupo de skatistas em uma família, como destacou o Gabriel durante a entrevista: “Esta praça aqui também é minha segunda casa, junto com a Just Crew lá, minha família.”. Esses são apenas alguns dos jovens que participam do movimento e que se dispuseram a contar a história do grupo em nosso segundo encontro. Ao todo, cerca de 30 outros jovens se revezam no fortalecimento do grupo e no skate na praça.

Fazer parte desse grupo não só os tornou praticantes de street skate, mas também transformou a vida desses jovens, como eles mesmos destacam, mudando completamente a rotina e a forma como se sentiam e se enxergavam.

Antes fazia skate, eu era muito desanimado, não tinha muitas amizades. Agora, daqui, conheço todo mundo. Eu já conheci os familiares de alguns aqui, tem dia que eu tô lá em casa lá, e tô meio desanimado, talvez até triste, eu venho pra cá, sento uma manobra e fico feliz três dias direto. Então é isso aí (WENDEL. Entrevista concedeu a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril 2018).

A linguagem e os conceitos próprios do skate foram disseminados entre eles por meio de vídeos postados na plataforma do YouTube, que eles buscaram para aprender mais sobre o esporte e as manobras, e também pela influência de Deivim, Israel e Wesley. Ainda hoje, eles exercem o papel de líderes de grupo e são referenciados pelos demais por sua disposição em motivar a crew, organizar campeonatos e compartilhar seus conhecimentos técnicos com o grupo. Apesar disso, eles não se restringem ao círculo de amigos formado nesta crew. Através do skate, eles conhecem outras equipes e jovens fãs do esporte ou que participam de ações coletivas semelhantes, criando uma grande rede de apoio e contato. Como é o caso do grupo de skate do centro de Ribeirão das Neves, chamado Neves Gamba, que teve a parceria da Just Crew na realização de um campeonato em julho de 2018.

O nome do grupo remete à linguagem do skate, mas também ao simbolismo da relação construída entre eles. Segundo o Deivim, o termo Just vem do nome da regional nevensense, Justinópolis, e Crew, porque também significa galera, “é uma galera que se reunia ali para andar de skate”. O grupo existe e resiste há 20 anos, mas só recentemente ganhou esse nome, com os novos integrantes. Alexandre explicou que começaram a nomear oficialmente o grupo depois que sentiram a necessidade de compartilhar vídeos nas redes sociais, a fim de dar mais visibilidade às ações.

A gente começou mesmo com o nome Just Crew foi através de um canal no Youtube que a gente decidiu criar. Aí desde então a gente criada em criar um blusa, página no Facebook, página no Instagram, foi mais através disso mesmo: aquela vontade de ter um canal no Youtube. Ah! Não fazer, nó, mas que nome que nós vão colocar? Nónh, o Deivim fala muito Just crew, vamo colocar justcrew. Aí foi assim que a gente colocou o nome Just Crew (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

A principal forma de mobilização entre eles é o aplicativo de conversas de celular Whatsapp, no qual criaram um grupo em que compartilham fotos e vídeos dos rolês, marcam datas e horários para os treinamentos e avisam sobre as intervenções que farão nos espaços em que ocupam e na cidade. Uma das principais intervenções que a crew fez no espaço público se deu na Praça de Justinópolis. Na ausência de pistas e locais para prática esportiva e lazer, eles decidiram reformar o coreto e o transformaram em pista. Eles mobilizaram a comunidade local, parceiros e doadores de materiais e promoverem a limpeza e pintura de toda a praça, bem como conseguiram a iluminação do espaço.

Em 2019, a Just Crew juntou-se a outros coletivos da cidade e ocupou uma escola abandonada pelo governo em Justinópolis. Juntos, eles reformaram os espaços da escola e a transformaram em cenário de diversas atividades gratuitas para os moradores de Neves, tais como: Centro de Treinamento Avançado Just Crew, Oficinas de Skate para iniciantes, Escola de Circo, Atividades Esportivas, Oficinas de Empreendedorismo, entre outros. Mais recentemente, sentindo o aumento da demanda de jovens sem atividades escolares por causa da pandemia do Covid-19, eles também reformaram uma pista de skate que estava inacabada e abandonada há anos pela Prefeitura, ampliando os locais de encontro e treinamento da crew.

A Just Crew tem realizado um trabalho similar ao proposto por Noble (2018) no enfrentamento aos algoritmos da opressão: apresentando contra-narrativas que questionam a história única das trevas dos mecanismos de busca na Internet e promovendo o engajamento de mais usuários com esse conteúdo diferenciado. Com canais no Facebook, Youtube e no Instagram, a crew publica diariamente fotos e vídeos de suas atividades nos espaços públicos e na Ocupação Curumim, onde funciona o Centro de Treinamento Avançado. São nessas redes sociais que eles divulgam a programação, horários e apresentam outras histórias possíveis para jovens, homens, negros e periféricos como eles.

Somente a conta oficial do grupo no Instagram (@just\_skate\_crew) possui atualmente mais de 3.100 seguidores e mais de 200 publicações em que eles abusam das palavras-chave em inglês relacionadas ao universo do skate em suas legendas. É dessa

forma, que eles conseguem que seu conteúdo seja indexado e divulgado nas buscas relacionadas aos temas “skateboard” e “ribeirão das neves”. Eles atraem visitantes para o perfil e promovem o engajamento por meio das curtidas, comentários e compartilhamentos dos posts, e aos poucos, vão deixando também no meio digital novas palavras de histórias que valorizam a vida e as sociabilidades dos jovens nevenses.

Nilma Lino Gomes (2019) afirma que o movimento negro brasileiro é um movimento educador. Ela faz essa afirmação com base em extensas pesquisas sobre os movimentos sociais negros no Brasil e como seu papel tem um papel educativo, visto que são produtores “de saberes emancipatórios e sistematizadores de saberes sobre a questão racial no Brasil. Conhecimento transformado em demandas, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI.” (GOMES, 2019, 25). Nas palavras da autora:

Parte-se da premissa de que o Movimento Negro, assim como outros movimentos sociais, ao agir social e politicamente, reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social. (...) O Movimento Negro, entendido como sujeito político produtor e produto de experiências diversas sociais que ressignificam a questão étnico-racial em nossa história, é reconhecido, nesse estudo, como sujeito de conhecimento. (GOMES, 2019, p. 32).

A Just Crew, apesar de não se autodenominar como tal, atua como um movimento social em busca de reconhecimento, como na definição sugerida por Honneth (2003) que se baseia na experiência do Amor, do Direito e da Solidariedade. Além disso, a crew é um movimento skatista educador porque sua ação é voltada para a educação. Com seus skates e todas as suas formas de mobilização, treinamento e resistência, esse grupo composto quase inteiramente por negros e jovens, encontrou uma forma de educar a cidade e os próprios moradores para uma outra cultura, mostrando que outro Ribeirão das Neves é possível.

É notável como é intensa a relação desses skatistas com o território nevensense. Eles olham para a cidade de uma maneira completamente diferente dos olhos que a condenam às trevas. Eles olham para a cidade e a modificam com os olhos; intervêm no espaço público e o modificam, valorizando o patrimônio sem cobrar nada por ele. A Just Crew está reeducando os nevenses, principalmente os mais jovens, para descobrir outra cidade: Ribeirão das Neves. Uma cidade que não é das trevas, uma cidade que se pode amar.

A Just Crew dá um *ollie* sobre o medo e transforma a cidade de Ribeirão das Neves em um lugar de encontro, de amizade, de superação de obstáculos. Eles entram na disputa pelo reconhecimento de seus direitos como “cidadãos do mundo”, como Davidson orgulhosamente definiu ao descrever a missão da crew. Eles reinventam a cidade e iluminam as trevas, reivindicando seu direito à cidade. Eles fazem a cidade. Michel Agier (2015) afirma que a cidade é constituída essencialmente por movimento e que esse movimento é o de “fazer-cidade”. O pesquisador sugere uma antropologia do “fazer-cidade” apresentando três aspectos que podem ser considerados efeitos da ação urbana: invasão, ocupação e instalação.

1) arquiteturas em um distanciamento (um acampamento, na invasão de um local vazio). É o gesto primeiro da invasão entendida como desobediência e como ilegalidade assumida; 2) presença recalcitrante sobre o próprio local ‘eu ficarei aqui, não importa o que haja’; e 3) opera uma Transformação Urbana, graças aos mecanismos duráveis de instalação. (AGIER, 2015, p. 493).

Nessa perspectiva, podemos dizer que a Just Crew, de fato, faz a cidade. Ao invadir o coreto da praça e usá-lo como pico para suas manobras, desobedecem à ordem imposta sobre os usos aceitáveis para aquele local. Em seguida, a equipe instala-se ali fazendo modificações na estrutura, adequando o espaço para os usos que pretende fazer, reformando o entorno com o objetivo de que mais pessoas sejam atraídas para a praça e promovendo a reabilitação daquele local. E, com o tempo, o que se percebe é que operaram uma verdadeira transformação urbana, pois promoveram realmente uma instalação durável que envolveu e engajou as pessoas no uso e ocupação do espaço para diversos outros fins (como batalhas de MC), reurbanizando um lugar antes abandonado por medo das narrativas.

Eles literalmente dão um *ollie* sobre a ordem controladora do poder público, porque saltam sobre o que estava previamente estabelecido como barreira e fazem desse salto um vôo mais próximo da dignidade que tanto tentam lhes roubar. Eles dão um *ollie* sobre a negação de seus direitos como cidadãos e fazem seu direito à cidade valer. Para uma cidade que é sempre a mesma, eles trazem novidade. A Just Crew contesta as trevas e constrói a possibilidade mais concreta e real de existência da cidade de Ribeirão das Neves.

A própria representação da cidade foi transformada pela experiência desses jovens skatistas, como eles próprios relatam. Acostumados a ouvir piadas e comentários sobre a distância e a dificuldade de acesso a outras regiões, e sobre o medo da proximidade das



penitenciárias, de amigos da capital mineira, agora despertam a curiosidade de outros jovens skatistas atraindo visitantes para o Coreto da Praça de Justinópolis.

Isso aí já tá saindo, entendeu? Da visão do povo. Porque a gente já tá conseguindo colocar, tá vindo uns pessoal lá do centro (Centro de Belo Horizonte) andar aqui. Tipo olha que lindo aquele pico lá do centro, um pico lá do centro muito bom, e os cara tá vindo andar aqui por causa de quê? Não é porque os pico é bom. É por causa da gente, entendeu? Eles estão vendo que a gente tá correndo atrás... (Gabriel, outubro de 2018).

Eu acho que o Ribeirão das Neves que a gente tá construindo... Somos nós! A gente é Ribeirão das Neves. O skate tá transformando Ribeirão das Neves e a gente num lugar mais conhecido, com cultura, com lazer. A praça da matriz de Neves hoje em dia é conhecida como a praça dos skatistas. E não tá sendo à toa. É porque nós estamos dedicando pra isso. Nós quer que aqui, futuramente, tudo que a gente tenha feito seja uma coisa que mais e mais vai crescer. Que não vai morrer com a gente, sabe? Eu acho que Neves hoje em dia tá sendo um lugar melhor, pelo menos aqui. Aqui na praça tá sendo um lugar melhor. Claro que, como todo lugar, tem suas coisas ruínas, tem suas crises, mas quando a gente fala de skate em Ribeirão das Neves na praça matriz, já tá evoluindo ... (BRENO. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Essas falas dos meninos deixam muito claro o quão revolucionário é o encontro que tiveram individualmente com o skate e coletivamente entre si. A prática dessa modalidade esportiva os colocou em contato com uma realidade diferente daquela que vinham vivenciando, de solidão e autoódio. Ao reler essas conversas e assistir aos vídeos novamente, lembro como eles foram enfáticos quando disseram que estavam tristes em casa, sem nada para fazer, que não tinham nada e ninguém. Volto às palavras de Breno (2018): "Não me conhecia antes de andar de skate. Eu não sabia o que queria fazer. O que eu queria. Eu apenas fiz coisas". É como se ele não existisse antes, apenas reagindo aos estímulos que recebeu.

A história única das trevas, a narrativa racista que o Estado, a Imprensa e os algoritmos virtuais contam a Breno diariamente rouba muito mais do que eu ou eles conseguimos expressar nessas linhas escritas. A tristeza, a baixa autoestima e a solidão que compartilhavam sem saber, é fruto de uma narrativa contada simbolicamente, de forma sutil e também escancarada, que ensina jovens negros e pobres a se odiarem. O ódio nutrido silenciosamente por si mesmo, por não ser branco o suficiente, por não ser rico o suficiente, por nunca ter e nunca ser suficiente para ser aceito, visto, reconhecido e amado, deixa marcas profundas na memória, no coração e na alma desses jovens. O autoódio é avassalador e tem um poder destrutivo de assujeitamento que, muitas vezes, sequer conseguimos entender a extensão e as formas como irá reverberar e se manifestar

em nossas vidas. Meninos negros ensinados a se acostumar com olhares e atitudes de ódio estão mais próximos das experiências de morte do que de vida.

Não é à toa que as estatísticas mostram que os negros são os que mais morrem no Brasil. Dados do Atlas da Violência 2019 indicam que, em 2017, 75,5% das pessoas assassinadas no país são negras. “No período de uma década (2007 a 2017), a taxa de negros assassinados aumentou 33,1%, enquanto a de não negros apresentou um pequeno crescimento de 3,3%” (CERQUEIRA et al., 2019, p. 49). Desde sempre, a história única sobre Ribeirão das Neves e sobre as pessoas negras ensina para o Breno que ele não é alguém digno de existir, digno de amar e ser amado, digno de ser reconhecido como um ser humano com direitos e talentos, que ele não é alguém digno para sonhar.

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e alguns um tratamento discriminatório. São objetivos para retirar o negro ou o status de humanidade. Talvez seja esta uma das melhores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo são padrões de superioridade / inferioridade, beleza / feiúra. (GOMES, 2003, p.79).

Segundo Nilma (2003, p. 81), a contribuição da cultura negra para a educação está justamente nesse processo de resignificação e construção de representações positivas sobre os negros, sobre suas histórias, culturas, corporeidade e estética. A Just Crew é um movimento skatista educador porque reconstrói e cria essas novas possibilidades de representação, não só para a cidade e seus moradores, mas sobretudo para esses jovens negros e periféricos. Ensinados pelas narrativas dominantes para se autoodiarem, eles encontram no skate a narrativa do autoamor.

Por isso, quando o Breno diz “o skate é a vida! Skate é a nossa vida, não tem como!”, ele está dizendo muito mais do que “o skate é um esporte que eu não posso viver sem”. A experiência do encontro que o skate promoveu entre esses jovens negros solitários, tristes e marcados para morrer, devolveu para eles a vida. O *ollie* que a Just Crew oferece não é apenas sobre narrativas. Ouso dizer que eles dão um *ollie* é na morte mesmo. O skate é vida! É vida porque foi um instrumento facilitador de encontros que ousaram contar uma história de vida, de amizade, de sonhos, de voo.

A história contada, milhares e milhares de vezes, sobre o medo, a morte e o enclausuramento perdeu o sentido para eles quando experimentaram no coletivo e no skate sentimentos de confiança, vida e liberdade. O amor é realmente revolucionário. Amor e amizade, a união que todos apontam como a principal conquista dessa prática

esportiva, é um ato político de liberdade. Estão se reeducando para a vida, para a sociabilidade, para a experiência da beleza e do amor.

Bell Hooks (2019, p. 63) também acredita no poder do amor para transformar a realidade de quem teve que se ver e ouvir desde o nascimento em contos de morte.

Coletivamente, as pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria como condições necessárias para que nos movamos contra as mensagens de dominação e morte que tomam como vidas negras.

Tantos outros pesquisadores negros têm contado outras histórias ao longo do tempo, mas tão superficial é o meu conhecimento de seus trabalhos e suas trajetórias, pois, como disse Damaceno (2013), a política de apagamento de suas vidas e contribuições ainda domina o sistema educacional brasileiro. Portanto, quando os skatistas negros da Just Crew dão um *ollie* nas identidades e autorrepresentações apresentadas como possíveis pelo sistema simbólico racista e elitista em que estão inseridos, eles voltam ao chão com seus skates e novas representações reais do impossível. Eles criam outras histórias. Eles não são mais apenas personagens identificados com os papéis disponíveis. Eles se tornam autores, produtores de conhecimento, inventores de seu território e cenário. Eles pulam alto e giram no ar com seus shapes para que possam ser vistos. Eles dão um *ollie* nos olhares que os colocavam em posições sempre abaixo. Esses olhos, agora, se quiserem vê-los, terão que ser erguidos para cima. O skate faz barulho ao cair no chão depois do pulo porque eles deram um *ollie* no silêncio. Eles assumem o papel de educadores sociais.

Além disso, os skatistas da Just Crew, ao contarem suas próprias histórias e construírem suas próprias imagens e representações nas redes sociais do grupo, desafiam a lógica matemática dos mecanismos de busca e oferecem novas conexões com as quais os jovens, como eles, podem se engajar. Eles dão um *ollie* nos algoritmos da opressão (NOBLE, 2018).

### Considerações Finais

A experiência que a Just Crew Skateboard compartilha com esta pesquisa demonstra que a identidade da Nevense está realmente em disputa. A “história única” das trevas, estabelecida ao longo dos anos em periódicos, algoritmos e comunicações oficiais do poder público, está sendo desafiada por este grupo que encontrou na amizade

e no skate a força para construir uma nova narrativa para a cidade e para si. Esse encontro proporcionou o espaço necessário para a construção de um novo sistema simbólico, com novos significados sobre o que é ser um jovem skatista residente em Ribeirão das Neves e novas possibilidades de desenvolver suas subjetividades, para decidir a posição com a qual se identificar.

Percebemos ao longo da pesquisa que, apesar dessa história única ser repetida de forma oficial e tão ostensivamente nos veículos de comunicação, mesmo no contexto virtual, essa não é a única história existente sobre a cidade e seus moradores. Ainda que o Estado e as empresas privadas, que lucram com a classificação sistemática do conhecimento e dos seres humanos, insistam na mesma velha história colonialista que privilegia uma pequena parcela da sociedade, há movimentos de resistência. A Just Crew é um exemplo de como um grupo de jovens rotulados por sua raça, classe e gênero podem se mobilizar de forma também organizada e contestar os resultados ditos “normais” das buscas. Eles ensinam a não se identificar com determinados papéis que são impostos nessa classificação segregatória, a não promover o engajamento com conteúdos e algoritmos que falem mais do mesmo, e a mobilizar e visibilizar outros conhecimentos e expressões.

Neste jogo de poder entre quem conta a história do outro de forma excludente e quem aceita submeter-se ou resiste, a Just Crew dá um *ollie* e coloca na pista uma nova cidade e uma nova identidade nevensense. Chimamanda Adichie (2009) tinha razão quando disse que ao rejeitar uma história única reconquista-se uma espécie de paraíso, pois é isso que a Just Crew tem feito munida com skates e com a ousadia de dar *ollies* em locais não convencionais. Eles estão reconquistando seu próprio lugar e paraíso. Como bem assinalou Gabriel (2018): “Queremos ter o nosso lugar aqui no Neves, povo de Neves. Nós somos esse pessoal”.

## Referências

- ADICHIE, C. O perigo de uma única história. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: [http://www.ted.com/tal s/lang/pt-br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/tal s/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009, acesso em 20 de abril de 2018.
- AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.
- CERQUEIRA, D. et al. Atlas da Violência 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto

- de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.  
Disponível em:  
[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf).
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.
- SAAD CORRÊA, E.; BERTOCCHI, D. O Algoritmo Curador: O Papel Do Comunicador Num Cenário De Curadoria Algorítmica De Informação. *The Curator Algorithm: The Role of the Communicator in a Context of Algorithmic Curation of Information.*] Paper presented at the XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, Brazil, Compós, 2012.
- DA SILVA, O. H. R.; STEPHAN, I. I. C. Segregação socioespacial na região metropolitana de Belo Horizonte: o estigma de Ribeirão das Neves/MG. *Revista Políticas Públicas & Cidades-2359-1552*, v. 3, 2015. Disponível em:  
<https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/13>, acesso em 12 de novembro de 2019.
- CALDEIRA, T. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2011.
- FANJUL, S. C. Reportagem do Jornal El País disponível em:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/tecnologia/1522424604\\_741609.htm](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/tecnologia/1522424604_741609.htm)  
acesso em 13 mar 2020.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988. In: XAVIER, Elton Dias (org). *Ciências Sociais: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.
- GOMES, J. D. Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 2013. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013.
- GOMES, N. L. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 75-85, 2003.
- GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Limitada, 2019.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed34, 2003.
- HOOKS, B. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE. Censo 2010 – Ribeirão das Neves. Disponível em:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br>, acesso em 30 de maio de 2018.

MACHADO, G. M. M. C. De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo.

2011. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

MINAS GERAIS, Jornal. Diário oficial do Estado de Minas Gerais. Disponível em:

<https://jornalminasgerais.mg.gov.br/?dataJornal=2013-09-07#caderno-jornal>, acesso em 15 mar 2020.

NOBLE, S. U. Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism. NYU Press, 2018.

**ABSTRACT:**

Ribeirão das Neves is a city in Minas Gerais with approximately 334 thousand inhabitants and 60% of the self-declared black population. In addition to the stigma “city of penitentiaries”, it was also known for the pun “Ribeirão das Trevas” published in the Official Gazette of the State on September 7, 2013 and on the website of the Court of Justice of Minas Gerais on August 21, 2018, and for thousands of publications of violence and poverty related by internet search algorithms. However, the city destined by the government to always be the same, houses other narratives created by a collective of black educating skaters: the Just Crew Skateboard. This article is an offshoot of the master's thesis and presents the results of the investigation, revealing in the light of the readings of Nilma Lino Gomes, how this group challenges the stigma of the city by showing new possibilities for engagement and a narrative that values life and sociability.

**KEYWORDS:** skaters; Ribeirão das Neves; city; educator movement; oppression algorithms.

Ribeirão das Neves es una ciudad de Minas Gerais con aproximadamente 334 mil habitantes y el 60% de la población autodeclarada negra. Además del estigma de “ciudad de las penitenciarías”, también fue conocida por el juego de palabras “Ribeirão das Trevas” publicado en el Boletín Oficial del Estado el 7 de septiembre de 2013 y en el sitio web de la Corte de Justicia de Minas Gerais el 21 de agosto de 2018, y por miles de publicaciones sobre violencia y pobreza relacionadas mediante algoritmos de búsqueda en Internet. Sin embargo, la ciudad destinada por el gobierno a ser siempre la misma, alberga otras narrativas creadas por un colectivo de patinadores negros educadores: el Just Crew Skateboard. Este artículo es una rama de la tesis de maestría y presenta los resultados de la investigación, revelando a la luz de las lecturas de Nilma Lino Gomes, cómo este grupo desafía el estigma de la ciudad mostrando nuevas posibilidades de compromiso y una narrativa que valora la vida y la sociabilidad.

**PALABRAS-CLAVES:** patinadores; Ribeirão das Neves; ciudad; movimiento educador; algoritmos de opresión.